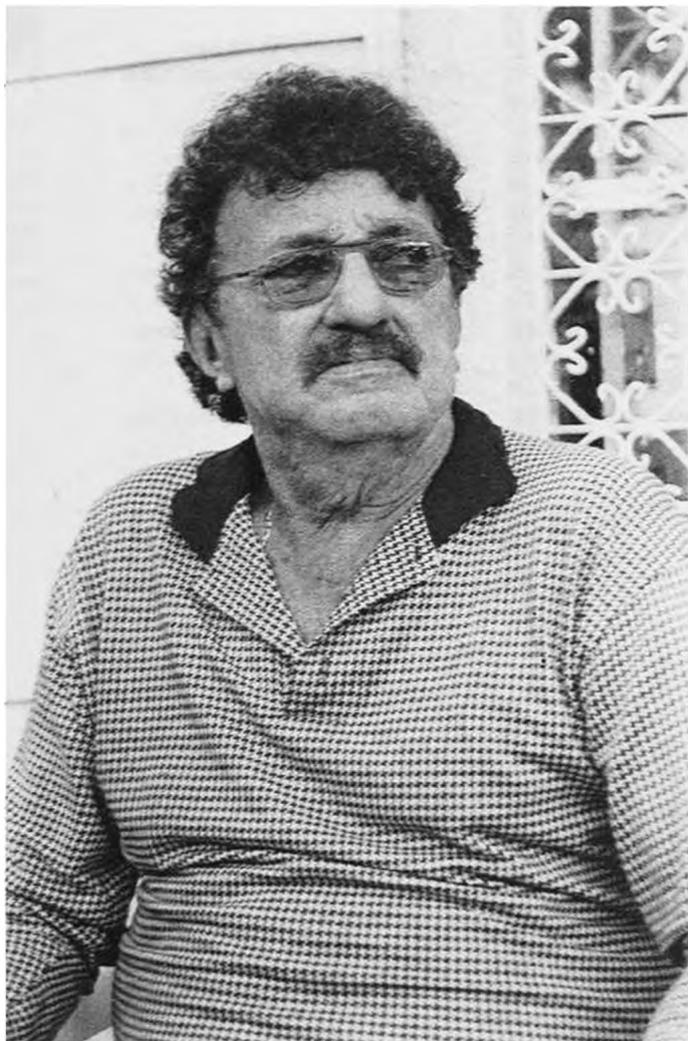


IRAPUAN LIMA

## *A imaginação de uma criança e as lembranças de um vovô contam a história de um "reinado"*



*Irapuan Lima, o animador de auditório mais popular do Ceará, orgulha-se de ter na própria vida um pouco da história do rádio e da televisão cearenses.*

**Entrevista com Irapuan Lima, dia 20/04/98**  
**Produção, redação, edição e texto final:** Débora Lima, Janaína Taillade, Roberta Fontelles e Rodrigo Santiago  
**Texto de abertura:** Rodrigo Santiago  
**Participação:** Ana Rita Fonteles, Cinthia Medeiros, Cristiane Bonfim, Débora Lima, Enrico Rocha, Ester Lindoso, Isabel Brito, Janaína Taillade, Laécio Ricardo, Letícia Amaral, Maria Teresa Monteiro, Mário Quinderé, Raimundo Madeira, Roberta Fontelles, Rodrigo Santiago e Thais Aragão  
**Foto:** Enrico Rocha

Estava andando no calçadão da praia com meu avô, quando escutei um grito. O que seria aquilo? Algum assalto? Ou até alguma morte? Ai meu Deus. Já estava ficando apavorado. Agarrei o braço do vovô e perguntei para ele o que estava acontecendo. Rindo, disse que não precisava ficar assustado. Ninguém ali estava correndo risco. Era só o Tarzan da Praia.

– Tarzan da Praia?

Perguntei para ele sementender muita coisa. Depois, um pouco mais calmo, lembrei que já tinha ouvido falar nesse tal de Tarzan. Mas ele não morava na selva? Ao invés de se locomover através dos cipós das arvores ele agora anda a pé? E cadê aquela macaquinha que vive com ele? O vovô colocou a mão na minha cabeça e falou que aquele Tarzan era outro. Chamava-se Irapuan Lima.

– Irapuan Lima?

Nunca tinha ouvido falar naquele nome. Então ele me explicou que Irapuan Lima foi um dos maiores nomes do Rádio Cearense. Meu avô estava no Passeio Público no dia em que o "Tarzan da Praia" estreou no rádio. Estava acontecendo a Festa da Imprensa, que era promovida pelos jornalistas. Irapuan era o locutor da festa. Era impressionante como a voz dele era parecida com a do Paulo Cabral.

– Paulo Cabral?

Segundo o vovô, era um dos locutores da Ceará Rádio Clube. Hoje ele é dono dos Diários Associados, grupo de comunicação que mandava no Brasil. No entanto, perdeu a força com a morte de um tal de "Chatô". Fiquei sabendo também que, na época que o Irapuan Lima começou, só existiam duas rádios: a Iracema e a Ceará Rádio Clube. E ele sempre trabalhou na Iracema.

– Sempre?

Na Rádio Iracema ele "era o homem dos sete instrumentos". Achei engraçado. Soltava e mandava prender. Ele fazia o que quisesse no seu programa. O seu desejo era uma ordem. Por isso nunca pensou em sair de lá. Era respeitado. Ele também era o homem da propaganda. Negociava tudo diretamente com seus anunciantes. Teve um tempo até que ele quis ser político.

– Político?

Era mesmo. Queria ajudar as crianças. Mas nunca pôde concretizar esse sonho. Vovô até lembra que, na primeira vez em que se candidatou, a vovó ficou com muita raiva dele. O que ele poderia ter feito? Seu lema de campanha era dar carteira profissional às empregadas domésticas. Naquele tempo isso era absurdo. As donas de casa foram contra. Nem sua popularidade de "Chacrinha do Norte" o salvou.

– Chacrinha do Norte?

O jeito dele atuando era parecido com o do "Chacrinha do Sul". Esse que aparecia de vez em quando na televisão todo colorido, com aquela buzina na mão.

A maneira alegre com que entrava no palco, o jeito brincalhão de tratar seus convidados. Já pensou. Meu avô disse que ele chegou a ser Rei Momo do Carnaval. Mas, engraçados mesmos eram os sapatos dos calouros do programa na tv.

– Sapatos dos calouros?

Devi ser cômico ver os calouros que iam ao programa, para aparecer uma vez na tv, com aquelas roupas emprestadas que ficavam enormes neles. É claro que o "Chacrinha do Norte" fazia a maior gozação com eles. Já pensou? Todos que participavam, fossem bons ou ruins, ganhavam um frango como prêmio. E quem entregava os frangos eram as Irapuetes. Que deram muita alegria ao vovô.

– Irapuetes?

Eram as mulheres que dançavam, animavam o público e ajudavam "Seu Irapuan" em algumas tarefas do programa. Para eu entender melhor, meu avô disse que elas lembram as paquitas da Xuxa. Então perguntei por que elas davam alegria a ele. Respondeu que tinha uma parte do programa que elas davam uma reboadinha para a câmera. Se chamava "mata o velho". O cara era demais.

– Não está exagerando?

Então ele pegou a minha mão e começamos a andar. Encontramos no caminho um grupo de pessoas rindo sem parar. Vovô apontou para um senhor que parecia estar causando tamanha alegria coletiva. Disse que era o "Irapuan Lima". Ou melhor: o "Tarzan da Praia". Muitos se aproximavam dele com uma palavra amiga. Vendo aquilo, percebi quanto é querido e respeitado por todos "nosso Chacrinha".

– Será?

Pois é. Essa criança deve ter a mesma idade do nosso entrevistado quando nasceu nele a vontade de ser locutor de rádio, com uma lata de manteiga na mão e muita imaginação na cabeça. Hoje, o "Rei Doido", como Irapuan gosta de se chamar, já tem "alguns" cabelos brancos e é vovô. Nas páginas a seguir, lembranças vão misturar sua vida com a história da comunicação e da sociedade cearense. Era uma vez...

**Entrevista** - De onde surgiu essa vontade de animar, de ser comunicador?

**Irapuan** - Tem exceções, mas da minha parte, eu trouxe isso do berço. Eu já era um garotinho de oito anos e já discursava em lata de manteiga vazia. Fazia discurso, falava, fazia propaganda... Propaganda daquela época, né? Então, eu continuei sempre com aquele ideal. Fui aluno do (colégio) Lourenço Filho (um dos mais tradicionais de Fortaleza), mas sempre com o ideal de ser locutor. Aí surgiu a primeira Festa da Imprensa do Ceará que era uma festa muito bem organizada pelos jornalistas, e eu fui convidado para ser o animador da Festa da Imprensa (agosto de 1948) no Passeio Público.

**Entrevista** - O senhor tinha quantos anos?

**Irapuan** - Eu tinha dezessete anos (Irapuan Lima enganou-se. Ele nasceu em 1927. No ano da Festa da Imprensa, ele tinha completado 21 anos). Menor de idade. Naquele tempo não era só vinte e um anos? Então, surgiu a Rádio Iracema em 1949 - em outubro de 48, quase entrando em 49 - e me convidaram por causa das minhas apresentações na Festa da Imprensa... o meu timbre de voz ainda hoje é parecido com o do (jornalista e radialista) Paulo Cabral (de Araújo, ex-prefeito de Fortaleza e hoje radicado em Brasília, presidente da Associação Nacional de Jornais - ANJ). Naquela época, fazia muita confusão; até nos anúncios que eu fazia.

**Entrevista** - O senhor falou que sempre teve o ideal de ser locutor. É inspirado em alguém?

**Irapuan** - Não. Naquele tempo não tinha televisão. O rádio ainda era muito precário, só tinha a Ceará Rádio Clube - chamava-se PRE-9, não tinha nem esse nome de Ceará Rádio Clube. Eu acho que eu devo ter visto algum comício. naquela época, perto lá da casa onde eu morava e eu fiquei com aquela vontade de ser ou locutor ou ser político, quer dizer, eu queria falar. Meu caso era falar.

**Entrevista** - Na família do senhor, não tinha nenhum artista?

**Irapuan** - Nem tinha, nem tem.

**Entrevista** - Você treinava em casa? Fazia alguma locução em casa: no banheiro escondido, no espelho?

**Irapuan** - A nossa casa tinha um muro muito alto. Eu subia em cima da cisterna, pegava a lata de manteiga e fazia os comerciais.

**Entrevista** - É o senhor tinha o hábito, durante a infância e a adolescência, de ouvir rádio?

**Irapuan** - Ouvia rádio. Agora, o horário era muito pequeno. Entrava no ar onze horas da manhã - hoje, são vinte e quatro horas - e sete horas desaparecia. Os rádios eram importados; eram aqueles rádios holandeses, assim meio oval...

**Entrevista** - Quais eram os programas que passavam na Rádio naquela época? Eram jornalísticos? Novelas?

**Irapuan** - Não. No rádio, pouco mudou. Porque o rádio sempre teve o seu jornal noticioso que é tradicional. Naquele tempo, não tinha televisão. então, nós, aqui de Fortaleza, ouvíamos mais a Rádio Nacional do Rio de Janeiro, que tinha um noticioso completo. Tinha o Repórter Esso, que era o maior noticioso na época. O camarada entrava assim feito uma bala (imita a voz de locutor): "Alô! Repórter Esso! Aqui, fala o Repórter Esso, uma criação radiofônica da standart Esso do Brasil. Rio". Eu

"Eu era garotinho de oito anos e já discursava em lata de manteiga vazia. Fazia discurso, (...) fazia propaganda (...). Então eu continuei com aquele ideal".

acho que era muito mais bem feito do que hoje; a maneira como o locutor se expressava. Ele lia aquela notícia com aquela vibração. Tinha um chamado Heron Domingues (Chegou a trabalhar na Rede Globo, já falecido) e esse era uma das vozes mais bonitas que já apareceu no Brasil. Esse comandou muitos anos o Repórter Esso.

**Entrevista** - Quando o senhor começou na Rádio, o rádio vivia uma época áurea. Como era, para um jovem, trabalhar nesse ambiente?

**Irapuan** - Trabalhar em rádio sempre foi difícil. Primeiro que é um mercado muito pequeno. Duas rádios. Naquele tempo, o gravador, para você ter uma idéia, era de fio de aço, não era essa fita que hoje nós fazemos na cassete. Eram dois rolos de aço. Então, aquilo reproduzia todas as reportagens. Agora, como o povo poderia entrar? Sempre eles abriam concurso para locutor, mas muito pequeno. Aproveitava um, dois por ano.

**Entrevista** - O senhor entrou através de concurso ou de convite?

**Irapuan** - Não. Não entrei com concurso. Entrei com a voz. (risos baixinhos)

**Entrevista** - O senhor iniciou na Rádio Iracema em 49, mas qual era o estilo do programa do senhor?

**Irapuan** - Eu entrei como locutor de cabine, locutor comercial. Depois eu passei a animar um programa de criança, e depois um programa de auditório. Eu movimentava à noite um programa muito ouvido que era um Rádio Baile Dançante.

**Entrevista** - Mas a qual público ele se destinava? Como era o estilo do programa?

**Irapuan** - Naquela época, (o público) era todas as classes. Cidade pequena; só tinham duas rádios. Eu tinha durante o dia uma vespéral, de três e meia às cinco horas, só de músicas boas. Músicas da época. Isso durante segunda a sexta-feira. Aos sábados, eu tinha um programa de auditório. À noite eu animava esse Rádio Baile, de sete à meia noite; aí meia-noite, eu acho que era o máximo que uma pessoa aqui poderia estar acordada em Fortaleza. O último bonde saía às onze horas. Tinha uma hora para frente para quem ia a pé para casa.

**Entrevista** - O senhor apresentava algum programa noticioso?

**Irapuan** - Não. Eu lia notícia do horário, o que me deu a chance de ser, de me registrar como jornalista profissional. Eu sou registrado pelo número 323 de 1951. Naquela época, a lei permitia que as pessoas que liam os noticiosos pudessem ser registradas como jornalistas profissionais; não eram só os que redigiam. Hoje em dia, tem de fazer um curso.

**Entrevista** - Esse trabalho que o senhor fez como locutor de notícias, era paralelamente a todos esses outros programas?

**Irapuan** - Era; porque, antigamente, era de hora em hora. Por exemplo, o locutor que trabalhasse de nove ao meio dia, ele fazia o noticiário de nove, o de dez, o de onze e o de meio dia. Os outros que substituíam faziam os (noticiosos) que vinham pela frente.

**Entrevista** - Que qualidades um comunicador tinha de ter para fazer sucesso no rádio na época em que o senhor entrou?

**Irapuan** - É ser humilde, ter um pouco de presença de espírito... O animador que lê... Eu nunca li na minha vida! Eu vou para o auditório, mas olho só o guia. O guia é as pessoas que eu tinha de convidar, os anúncios que eu



Nascido no dia 01 de agosto de 1927, Irupuan Barros de Lima casou-se com Maria Áustria Gomes de Lima em 15 de julho de 1948. No mês seguinte, ele estreou na Festa da Imprensa.

Irapuan Lima concedeu uma pré-entrevista, em sua casa, à equipe de produção, a qual serviu de base para a elaboração de maior parte da pauta.



Dona Áustria também ajudou bastante à equipe de produção fornecendo recortes de jornais, fotos etc. Material que ela coleciona e guarda cuidadosamente.

teria de fazer improvisando. Porque tem uns que lêem do princípio até o fim. Isso aí eu não considero animador. Porque aí o sujeito perde a animação. Porque o animador, acima de tudo, tem de ser simpático, tem de tratar muito bem o povo. Ninguém pode ter qualquer problema em casa e levar para a rádio ou para a televisão. Você tem de ir bonzinho para agradar.

**Entrevista** – O senhor começou a ter contato com os artistas e convidar artistas para participar dos programas...

**Irapuan** – Foi quando eu passei para a parte comercial da Rádio Iracema. Quer dizer, as publicidades todas eram angariadas por mim, quase todas. Surgiu o auditório e eu comecei a trazer artistas do Sul.

**Entrevista** – Como foi essa transição do senhor, fazendo a locução de notícia e com alguns programas para a parte comercial da Rádio?

**Irapuan** – A diretoria viu em mim um sucesso: eu jovem, bonito (risos), fazendo o programa direitinho. O público e a estação de rádio, numa semana, sabem quando o cara é bom e tem audiência, e quando não é bom. Então, eu conquistei a cidade todinha com pouco tempo.

**Entrevista** – Retomando essa questão sobre o seu programa de auditório para o qual o senhor trazia artistas de fora...

**Irapuan** – Sim. Por eu ter o programa de auditório, haveria necessidade de eu trazer um artista que atuava no programa, e eu vendia o artista para os clubes.

**Entrevista** – Como é que se davam os contatos e os acertos dos shows? Era o senhor pessoalmente quem resolvia isso?

**Irapuan** – Eu resolvia pessoalmente. Eu pedia através de agências, do Rio de Janeiro, o telefone do artista tal: (os cantores já falecidos) Orlando Silva, Sílvio Caldas... e fui trazendo. O meu nome foi se espalhando.

**Entrevista** – Qual foi o primeiro artista que o senhor trouxe?

**Irapuan** – A primeira promoção que eu fiz na Rádio Iracema foi internacional, porque a Rádio só fazia se eu garantisse o patrocínio. A primeira foi aquela grande orquestra americana de Tommy Dorsey. Era o trombone de ouro do mundo (Tommy Dorsey dirigia um dos conjuntos mais importantes da era do swing, o qual era geralmente tocado por orquestras cujos arranjos musicais davam ao solistas liberdade de improvisação).

**Entrevista** – O senhor tinha liberdade de trabalho dentro da Rádio?

**Irapuan** – Tinha liberdade. Dentro de dois anos, parecia que eu era o dono da Rádio.

**Entrevista** – O senhor criou todos os seus programas?

**Irapuan** – Eu criava. O primeiro programa que eu tive chamava-se Vespéral do Chacrinha. Agora, Chacrinha por quê? Porque eu tinha muitas semelhanças, sem eu saber - porque ninguém assistia televisão nessa época - com o Chacrinha do Sul (Francisco Abelardo Barbosa, animador de auditório que atingiu a fama com 2 programas na Rede Globo, "discoteca do Chacrinha" e "Buzina do Chacrinha", já falecido). O Armando Vasconcelos botou meu apelido de Chacrinha do Norte. Daí veio a Vespéral do Chacrinha.

**Entrevista** – O senhor não conheceu o Chacrinha pessoalmente?

“Conheci (Chacrinha) através da Wanderléia que me apresentou no programa dele. Ele ainda disse: ‘essa é a única pessoa que pode ser meu imitador...’”

**Irapuan** – Conheci. Conheci através da (cantora) Wanderléia (a rainha da juventude, na época da Jovem Guarda, e que foi casada com um dos filhos do Chacrinha), que me apresentou no programa dele. Ele ainda disse assim: “Essa é a única pessoa que pode ser meu imitador porque esse aqui sabe animar”.

**Entrevista** – O senhor se inspirava mesmo no Chacrinha? Ou foi mera coincidência? Ou vocês tinham estilos parecidos?

**Irapuan** – Não, o estilo era parecido. Por causa da animação, não é? Geralmente, o animador fica meio sério, fica encabulado. Para mim, tanto faz eu falar para 15 pessoas, como para 20 mil, 30 mil, 40 mil.

**Entrevista** – O senhor era o homem do anúncio. Você também criava o anúncio?

**Irapuan** – Eu, às vezes, criava. Eu achava que o produto tinha de ter uma mensagem rápida e muito popular... Eu vou contar uma história a vocês

que vocês vão morrer de rir. Eu tirava anúncio, aqui na Fábrica Siqueira Gurgel, Sabão Pavão que ainda hoje existe. Eles lançaram um sabonete com o nome Sigel. Então, a firma teve uma necessidade enorme de lançar uma campanha do sabonete. Eu tinha o compromisso de uma viagem a Portugal, e eu disse para o diretor da firma, que era o Seu Eduardo Gurgel: “Seu Eduardo, é bom o senhor pegar outro colega para ele lhe dar a idéia porque eu não vou ter tempo. Viajo na outra semana...” Então, quando eu cheguei, eu só vi o homem atrás de mim. Ele (Eduardo Gurgel) ligou para mim 3 vezes: “Rapaz, venha aqui urgente...” Você vê o que é uma palavra num anúncio. É muito importante para o estudo de vocês. Aí ele ligou para mim: “Que que há, Seu Eduardo?” “Rapaz, venha aqui urgente na fábrica que eu quero falar com você”. Eu cheguei lá, ele me mostrou o anúncio que estava sendo feito. O

cara que fez queria dar um prêmio. A palavra que o cara usou era invólucro. Mas, olhe, dizer: pegue o seu invólucro do sabonete Sigel e coloque o seu nome e endereço. Não apareceu nada. Sabe o que é não aparecer nada? Não apareceu retorno nenhum. Eu digo: “Seu Eduardo, o erro está só aqui: nem todo mundo conhece essa palavra invólucro. Vamos colocar: pegue a embalagem do sabonete Sigel, coloque no verso o nome, o endereço e telefone” - que tinha muito pouco. Na semana seguinte, a chuva de (embalagens)... Isso é um pequeno exemplo, que a publicidade, às vezes, com duas palavras é falha; com três, ela melhora e com cinco, ela piora.

**Entrevista** – Retomando um pouco aquela questão dos artistas que o senhor trouxe para os programas. Durante a pré-entrevista que a equipe de produção fez com o senhor, o senhor disse que trouxe o Orlando Silva, o Ivon Cury e algumas pessoas da Jovem Guarda. Por que o senhor não trouxe ninguém da Bossa Nova ou da música de protesto do Regime Militar?

**Irapuan** – A sua pergunta é boa. Sabe por quê? Porque a Bossa Nova não tinha retorno comercial. Eu teria de trazer o artista vinculado ao meu programa e aos clubes que, naquela época, eram poucos... Mas o povo aqui não prestigiava. Eu tinha que olhar a minha parte comercial. Eu dava a passagem ao artista, o cachê dele; e eu tinha que tirar, naqueles comerciais do meu programa e no clube que ele trabalhava à noite, o dinheiro do cachê dele.

A esquina do Colégio Batista com a casa de Irápuan foi o lugar marcado para todos se encontrarem. Chegávamos aos poucos, mas todos acabaram aparecendo na hora.

**Entrevista** – Mesmo os artistas que ganhavam os Festivais da Canção, como Caetano Veloso, Chico Buarque ...

**Irapuan** – Vieram muito pouco esses artistas porque não tinha local e nem a segurança do êxito da promoção. O povo era louco por cinema. Tertúlia! Eles davam o nome de tertúlia, naquele tempo, ao Programa Dançante através do Rádio - esses dois programas que eu fazia dia de sábado e domingo. O sujeito botava o rádio em casa; botava um sonzinho um pouquinho maior porque não existiam essas caixas de som. Ali, todo mundo dançava das sete à meia noite. O cinema era um dos grandes concorrentes do rádio porque esses bairros todos tinham cinema: Antônio Bezerra, José Bonifácio e outras ruas daqui, tradicionais, tinham cinema... Cine Ventura, bem aqui, na Aldeota (funcionava na avenida Barão de Studart).

**Entrevista** – A sua vida profissional sempre esteve ligada à Rádio Iracema. Mas em algum momento, o senhor cogitou em mudar de estação? Recebeu alguma proposta?

**Irapuan** – Várias. Mas nunca saí por uma lealdade. Porque, se eu entrei na Rádio como locutor de caixeta - que era locutor comercial - e de repente fui para a parte comercial; tinha um escritório para tirar anúncio; um horário para o programa de auditório... Eu seria um cara muito negligente se fosse atender a qualquer convite. Não porque para mim não fosse bom, mas é questão que a gente deve apoiar aqueles que nos apoiaram no início.

**Entrevista** – E como era fazer programa de auditório no rádio, naquela época?

**Irapuan** - A mesma coisa de televisão. Tinha orquestra, não tinha esse negócio de jurado - nem mirim, nem adulto. O locutor tinha de transparecer no rádio a animação dele. Eu vou lhe dar um exemplo aqui muito rápido. O animador representa 40% do sucesso do cantor. Se você (cantor) estivesse numa rádio, e eu dissesse: "E vem aí, Carmem Costa" - sem muito êxito, sem muita preparação - ela entrava bem fria. Então, ela não ia entrar como a dona absoluta do sucesso. Mas eu fazia o arroteio no meu improviso e dizia: "E vem aí a garota sensação, a garota que pára os auditórios. Ela realmente é sensacional. Vem aí Caaaarmem Costa!" (empostando a voz). Aí o público: "Aaaahhhh!!!! (palmas)". O povo de casa sentia.

**Entrevista** – O senhor disse que ganhou uma popularidade muito grande. Então as pessoas sentiam a

necessidade de conhecê-lo. Como era o assédio das pessoas ao locutor?

**Irapuan** – Na rua, na porta da Rádio. Eu não sei como essa minha mão ainda funciona de tanto dar autógrafa (risos). As alunas do (colégio) Liceu (do Ceará), da Escola Normal iam todas para a Rádio Iracema e para a PRE-9.

**Entrevista** – E nessa época, tinha algum outro animador que fizesse sucesso como o senhor?

**Irapuan** – Nessa época tinha o Wilson Machado (jornalista e radialista, ex-deputado estadual. Ainda hoje tem um programa de rádio) que era um bom animador, o João Ramos (já falecido). Agora, cada qual diferente. Eu, pelo menos, gostava de brincadeira.

**Entrevista** – O senhor trabalhou na Televisão e na Rádio quase no começo da década de 50, e também trabalhou na década de 80. O que o senhor preferia: nos tempos mais antigos ou agora mais recentemente?

“Hoje (...) você diz o que quer. Naquele tempo, se a gente chamasse um deputado de feio, a gente era obrigado a chamá-lo na Estação para pedir desculpas...”

**Irapuan** – Eu achava o rádio naquela época mais dinâmico. Mais sério. Naquele tempo, você tinha de ser locutor, quer dizer, ele (o locutor) pegava duas horas de locução e fazia tudo. Hoje, tem locutor que só dá a hora. O resto está tudo no texto.

**Entrevista** – Qual a diferença dos locutores de cabine, dos animadores daquele tempo, para os de agora?

**Irapuan** – Agora, não tem gente com aquele timbre de voz necessário para ser locutor comercial. Na minha época tinha vários locutores com voz. A voz é o primordial do negócio, tanto para a parte comercial como para animador... Tinha um locutor que me chamou lá na Rádio Iracema e disse: “Lima, como é o nome dessa música aqui?” “Rapaz, isso é Tilin, Tilin, Tilão. Está ouvindo direitinho? Tilin, Tilin, Tilão.” “Você quer é me enganar. Isso é Tailon, Tailon, Teilor”. “Tu tá é doido. Não vai com essa besteira que tu te corta”. Ele pensava que eu queria

brincar com ele para ele dizer errado. Aí ele disse: “Agora vamos ouvir Tailon, Tailon, Teilor...” Aí o cantor (cantarolando): “Olhao Tilin, Tilin, Tilão...” (Risos). Quando acabou de tocar o disco, eu entrei na cabine e disse: “Tá aí, para você saber como os catedráticos ensinam direito aos alunos”.

**Entrevista** – O senhor escuta rádio hoje? O que o senhor acha dos estilos dos programas feitos hoje?

**Irapuan** – São completamente diferentes; por exemplo, ninguém podia soltar piada de duplo sentido. Hoje em dia, você pega qualquer rádio e você diz o que quer. Naquele tempo, se a gente chamasse um deputado de feio, a gente era obrigado a chamá-lo na Estação para pedir desculpas perante ao público.

**Entrevista** – E aconteceu alguma coisa desse tipo?

**Irapuan** – Ora, se a Rádio Iracema foi invadida, e eu estava na locução no dia.

**Entrevista** – Como foi esse episódio?

**Irapuan** – Esse episódio foi no tempo do governador Faustino de Albuquerque (1947-1951). Naquele tempo, as autoridades já tomavam dinheiro do jogo de bicho. Nós tínhamos um diretor catedrático, uma inteligência. Nunca vi um homem inteligente igual àquele. Chamava-se doutor José Jozino da Costa - já morreu. A inteligência dele era tamanha que ele me chamava na diretoria - ele fazia à noite uma crônica da Rádio - e conversando comigo,

estava batendo a crônica. Nunca, até hoje, entendi como é que podia ser feito isso! Ele não perdia o ritmo da máquina. Ele tinha uma crônica como nome de Mazagão da Silveira (pseudônimo). Nessa crônica, ele malhava as coisas da política que eram mal feitas: o governador que não tivesse atuando direito, o prefeito... Todo mundo ouvia. Nessa noite, ele meteu o pau no jogo de bicho porque o governo andou pedindo um dinheirinho, né? Resultado: isso foi nove horas da noite de um dia. No dia seguinte, eu estava no horário - porque a Rádio estava fazendo um jornal amplo depois dessa crônica do Jozino, um jornal noturno. Quando fui surpreendido pela polícia subindo - nesse tempo era na rua Guilherme Rocha com Barão do Rio Branco. Eu me escondi por um lado, o outro locutor por outro; tinha um de Recife, o Barbosa da Silva - foi o maior locutor esportivo daqui e de Pernambuco. Então, no outro dia, ele (Jozino da Costa) entrou com um



Apedido de Dona Austria, a entrevista começou com uma hora de atraso às 15:00hs e terminou às 16:30hs porque Irupuan tinha consulta marcada

Dona Austria não participou diretamente da entrevista, mas esteve em quando, ela aparecia e lembrava a Irupuan o horário da consulta com o médico.



Durante a entrevista, Irápuan Lima referiu-se ao passado com muito saudosismo. Uma expressão constantemente falada por Irápuan era: naquela época.

habeas corpus preventivo, um documento que você tem, o cara vai lhe prender, você mostra e ele manda você ir embora... Agora, olha quem era a vítima? Um cara que foi desembargador durante 40 anos. Nós ganhamos, nesse dia, de sete a zero. Uma coisa que eu nunca pensei na minha vida: como é que o cara fosse desembargador, fosse governador e perder.

**Entrevista** – O senhor falou que as rádios hoje falam coisas de duplo sentido. naquela época não se podia falar...

**Irapuan** – Porque naquele tempo a sociedade era diferente.

**Entrevista** – Mas isso é melhor ou pior?

**Irapuan** – Eu acho que isso é modernismo. Se por um lado tem gente que não gosta, aqueles mais antigos, da terceira idade, mas os mais novos adoram, né?

**Entrevista** – Por exemplo, tem um programa que está fazendo muito sucesso no rádio entre o povão, que é aquele Rasga Baleia, que ele fala um monte de coisa de duplo sentido. Qual a sua opinião sobre este tipo de programa?

**Irapuan** – Esse programa é o que o povão gosta. Tudo o que se faz, o objetivo é a audiência. O que gera a audiência? O faturamento, o dinheiro. Então, aquele programa que ele faz, o Baleia, ele atinge a todas as camadas. Tem uns que dizem que não ouvem porque são do Ideal Clube (um dos clubes de elite de Fortaleza), mas ouvem. Eu fazia programa de auditório há muitos anos e ninguém ouvia. Mas quando eu levava o artista para o Ideal Clube, na mesma noite todo mundo falava sobre o que ele tinha dito no programa (risos). Para a época atual, se não fizer assim, não fatura.

**Entrevista** – Mas o senhor acha justificável essa briga pela audiência e colocar qualquer coisa...

**Irapuan** – Eu estou dizendo porque também depende do horário. Esse rapaz que você está falando, o Baleia, ele usa de manhã cedo. Geralmente, de manhã cedo, quem é que está ouvindo? Mais aquelas donas de casa lá do subúrbio, aquelas empregadinhas de loja que estão com o radinho portátil. Ninguém pode superar o rádio.

**Entrevista** – O senhor trabalhou muito tempo no Rádio onde a voz era primordial. O senhor sentiu dificuldade em passar para a Televisão?

**Irapuan** – Não. A princípio, a gente sente um pouco porque a responsabilidade é muito maior. Em

rádio, eu posso estar, 4 horas da tarde, em um programa de auditório e não vem o meu convidado. O que é que eu faço? Eu repetia um número com uma orquestra, eu repetia com outro artista que não tinha ido embora. Mas em televisão, você não pode. Televisão, você tem de estar bitolado com o horário.

**Entrevista** – Antes de estrear na TV, você ensaiou, preparou algum programa piloto?

**Irapuan** – Não. Eu entrei direto como cantiga de grilo.

**Entrevista** – Os programas de auditório eram semelhantes aos do rádio...

**Irapuan** – Apenas a gente modificava um pouquinho para não ficar muito popularizado. Porque os de rádio, o público já tava lá, a gente já tava ali...

**Entrevista** – Você tinha liberdade para interferir na montagem, na produção do programa?

---

“Aquilo, para os velhos, limpava a vista que era uma maravilha. Já que não tinha essa menina (...), a Carla Perez, funcionava. Eu dizia: ‘Mata, mata o velho’”.

---

**Irapuan** – A montagem que você diz, do meu?

**Entrevista** – É.

**Irapuan** – Não, o meu não tinha nem produtor. O meu quem fazia era eu mesmo.

**Entrevista** – Você criava os quadros do programa?

**Irapuan** – Eu criava os quadros, as idéias, como era que eu explorava o calouro.

**Entrevista** – O senhor recebia críticas aos seus programas?

**Irapuan** – Recebia críticas até da Igreja naquela época. Hoje a Igreja não diz nada.

**Entrevista** – Que tipos de críticas?

**Irapuan** – Às vezes, eu chegava no Rádio, colocava uma moça, uma caloura e quando eu via que ela tinha muita habilidade para dar audiência, eu “puxava” um pouquinho nas perguntas; às vezes, (as perguntas) eram um pouquinho mais fortes do que as comuns. Quem ouvia, achava que levar

uma moça para dançar na Televisão era uma coisa do outro mundo. Quantas vezes eu fui parado na rua; uma senhora chegava e (dizia): “Por que o senhor não muda aquelas irapuetes? Ô mulheres feias!!! Ô mulheres das pernas finas!” “Me diga uma coisa. a senhora tem irmã, filha ” “Tenho, lindas!” “E a senhora deixaria...” “Deus me livre !!!” “Mas o que a senhora está pensando o que é televisão? Televisão é um profissionalismo como outro qualquer. Uma pessoa vai para a televisão, cumpre o seu horário e vai embora para casa. Agora, a televisão não pode é prender uma moça que saiu do programa — já do lado de fora da televisão — que ela namore, que ela entre em um carro, Isso aí é muito natural!”

**Entrevista** – Como surgiram as irapuetes no programa?

**Irapuan** – O nome irapute. eu já usei o meu nome; Irápuan, irapute. Nós colocávamos uma chamada pedindo moças, a partir de dezoito anos. para, a princípio, dançar — dançar que era para o negócio ficar mais fácil. Tinha uma professora que testava (as candidatas) com gravador. Elas mostravam ali a agilidade que tinham. Era fácil ser irapute!

**Entrevista** – Mas em que programa surgiram as irapuetes?

**Irapuan** – As irapuetes, elas surgiram em mil novecentos e setenta e pouco.

**Entrevista** – O senhor teve um programa na TV Verdes Mares (emissora cearense afiliada à Rede Globo) Como era esse programa que tinha tanta audiência a ponto de superar o Jornal Nacional?

**Irapuan** – Já tinha as irapuetes nesse tempo. Ele foi, na realidade, o primeiro em uma emissora de grande audiência. O meu horário era de 6 às 7:30 porque o Jornal Nacional era, nesse mesmo horário de hoje, às 8 horas. Eu trazia bons artistas de novela que estavam em evidência. Então, todo mundo ficava assistindo. Aquilo que hoje a televisão faz de chute a gol, foi eu que inventei. Botava um goleiro de qualquer clube aqui de Fortaleza, para o sujeito chutar. Hoje todo mundo faz. O Silvio Santos agora está fazendo, né? (Programa Gol Show)

**Entrevista** – Na Verdes Mares, foi um programa em um canal que tinha uma grande audiência. No Canal 2, dos Diários Associados, não teve tanta repercussão?

**Irapuan** – Teve. Mas acontece que ninguém podia comparar uma estação nova, recebendo uma imagem da TV Globo, que, inegavelmente,

Uma das grandes virtudes de Irápuan é conservar o bom humor. Ele passou a entrevista contando fatos engraçados que fizeram a turma rir várias vezes.

desde esse tempo. é quem tem as melhores novelas... Então, o público estava todo na novidade. O Canal 2 tinha a sua audiência. Nunca ninguém pode dizer que ninguém é o maior nem o melhor porque isso diverge muito. Aqui assistiam até a Hora do Pobre que nós tínhamos lá na Rádio Iracema. A Hora do Pobre era um programa que um padre pedia que o povo mandasse uma contribuição. Sabe quem anotava essas contribuições? O (ex) senador Mauro Benevides — bem novinho... Um dia, eu estava numa recepção e ele chegou: "Irapuan, nós nos conhecemos de muitos anos." "É senador, com muito orgulho! Sabe desde quando eu conheço o senhor? Desde a Hora do Pobre feita pelo Padre Paixão." "Desde aquele tempo?" "O senhor ficava no telefone 231-6905, recebendo, anotando as casas que diziam: 'Mande buscar R\$ 2,00 aqui na Rua Imperador'". Até isso aí dá audiência. Ele era da União dos Moços Católicos, saiu para vereador, para deputado, para senador... Começou em rádio.

*Entrevista - Falando em política, o senhor foi candidato a vereador em 1951, a vice prefeito em 62, a deputado estadual em 66, a vereador em 88 e nunca ganhou...*

**Irapuan** — (interrompendo) Nunca porque eu não tive a idéia de iniciar direitinho. Sabe o que eu prometi na primeira vez que eu fui candidato a vereador? Todas as empregadas domésticas iam receber a sua carteira profissional. Sabe o que eu recebi em troca disso? Nenhuma dona de casa votou em mim. Agora, para vice-prefeito eram sete vices e eu perdi por 1.500 votos. Eu fui o segundo colocado.

*Entrevista - Quem foi que ganhou?*

**Irapuan** — Quem ganhou foi o Murilo Borges (para prefeito), e eu era candidato com o Pequim - Péricles Moreira da Rocha que é irmão do Acrísio (Moreira da Rocha). Para você ver que propaganda é um negócio muito interessante. O prefeito de mais tradição aqui se chama Acrísio Moreira da Rocha (1947) - essas perimetrais foram abertas por ele. Ele foi eleito em uma passeata de carroça. Os carroceiros na rua e ele na frente. O irmão dele pediu que eu idealizasse uma publicidade melhor do que carroça... Na Rádio Iracema, eu dizia: "São quinze hora e trinta minutos em Fortaleza, cidade do lixo, a capital dos buracos e a soberana das muriçocas - e tinha todas essas frescuras! (risos) Mas ele voltará nos braços do povo,

em uma passeata de tamanco". Então, o cara jogou milhões de tamancos bem feitiños para distribuir com o povo.

*Entrevista - Voltando para a televisão, o senhor afirmou na pré-entrevista que não aprovava programas dos estilos do Gugu (Domingo Legal do SBT) e do Faustão (Domingão do Faustão, da Rede Globo) nos seus programas dominicais. Por que essa não-aprovação?*

**Irapuan** — Eu não aprovo determinadas seqüências. Exemplo aquela do banho de sabonete (banheira do Gugu). Se fosse nos Estados Unidos, o animador não passava nem dois minutos em cena com aquilo. A censura cortava.

*Entrevista - Nessa questão da banheira, na exposição da mulher, do corpo, da apelação... As irapuetes não atraíram a audiência por essa...*

**Irapuan** - Não. As irapuetes

"Quantas vezes eu fui parado na rua; uma senhora chegava e dizia: 'Por que o senhor não muda aquelas irapuetes? Ô mulheres feias (...) das pernas finas!!!'"

tinham as pernas finas, eram mal feitas. (risos) Não podiam atrair.

*Entrevista - Mas isso não chamava a atenção?*

**Irapuan** — Mas elas estavam vestidas, né? A senhorita quer comparar uma pessoa de short, com uma pessoa que está de biquíni dentro de uma banheira se agarrando com um homem? É diferente.

*Entrevista - E na hora do 'Mata o Velho' que você chamava as irapuetes?*

**Irapuan** — Aquilo para os velhos, limpava a vista que era uma maravilha, né? Já que não tinha essa menina, essa loura, a Carla Perez (ex-dançarina do grupo musical baiano É o Tchan), funcionava. Eu dizia: "Mata, mata o velho!" - para dar mais incentivo. Cada um tinha um nome de um carro - uma era Chevrolet, outra era Ford...

*Entrevista - A idéia foi sua também?*

**Irapuan** — Idéia minha... (Irapuan Lima muda de assunto). Aqui no Canal

8, eu chamava o calouro, e, geralmente, a dona de casa, a mãe ou a patroa era quem dava o banho de loja nele. Ele (calouro) vinha com aquele sapato bonito, mas do marido da mulher; uma calça bonita, uma blusa bonita. Eu já sabia do negócio, e mandava dar um "close". Eu dizia: "Dá um 'close' aqui nesse calouro!" O negócio pegou. Também foi idéia minha. O calouro já vinha com um sapato bem avançado - agora, a diferença, do pé dele para o sapato era quatro dedos.

*Entrevista - Na época da ditadura, o senhor sofreu alguma censura, tomava algum cuidado?*

**Irapuan** - Na época da ditadura, a gente tinha de mandar tudo o que a gente ia dizer para a Polícia Federal. O programa da televisão tinha de ir para lá 48 horas antes.

*Entrevista - Então dava margem para menos improvisação?*

**Irapuan** — Eu improvisava, mas eu não falava em política. O que a ditadura queria? É que ninguém mencionasse o nome do Presidente em exercício. Ninguém ia bulir com as autoridades locais.

*Entrevista - Uma marca do programa do senhor era o uso de muitos jingles, várias músicas de comerciais. O senhor poderia lembrar para gente alguns de seus jingles e música que tenha usado?*

**Irapuan** — Tem o da Gerardo Bastos (empresa que trabalha com vendas de pneu)... Eu fiz vários comerciais para a televisão. Agora, depois, quando surgiram aquelas agências grandes do Rio e São Paulo produtoras, os comerciantes pediam para a gente fazer para a voz ficar diferente. Pra não ficar só aquela... martelando... a minha voz, a do João Ramos, a do (apresentador de programa de televisão) Augusto Borges. (Ele muda de assunto e mostra disco de platina que a gravadora Continental deu para ele em agradecimento pelo apoio que Irapuan deu aos artistas da gravadora).

*Entrevista - Como surgiu aquela música, aquele jingle do "Cacá" (comercial de uma loja de ótica de Fortaleza que vendia armações de óculos a preços populares)?*

**Irapuan** — Teve uma novela com uma grande audiência que tinha um personagem chamado Cacá. Ele usava óculos esporte. Então, o (Francisco) Boris (empresário, dono das óticas Boris) disse: "Rapaz, vamos aproveitar. Eu vou trazer um bocado de óculos desses aí, e você vai fazer uma propaganda". Eu (fiz): "Cadê Cacá, Cacá, Cacá..." (canta)



Apesar de parecer bastante à vontade durante a entrevista, Irupuan interrompeu várias vezes as perguntas dos alunos, mas respondeu a todas elas.

No meio da entrevista, chegou uma das netas de Irupuan. Ela desviou por instantes a atenção de "alguns homens" da entrevista.



Como fã número um do marido, Dona Áustria interrompeu a entrevista para mostrar um disco de ouro e um de prata que Irápuan ganhou durante a carreira.

**Entrevista** – E o Macarrão Fortaleza?

**Irapuan** – Macarrão Fortaleza foi eu quem fiz. “Fácil de preparar/ Macarrão Fortaleza/ É qualidade com certeza” (cantarolando). Essa marchinha que vocês sempre ouvem: “Falta de luz é bom para namorar/ mas depois disso nem é bom falar/ a usina lá do Mucuripe/ todo mês tem gripe/ não quer mais funcionar”. (cantarolando) Essa aí foi um sucesso.

**Entrevista** – De onde surgiu essa música?

**Irapuan** – A primeira usina que fizeram aqui no Mucuripe para gerar energia. Toda semana, eles botavam uma nota no jornal que a usina não ia funcionar por causa dos peixinhos — tinha uma tela; os peixes, as pedras e a areia ficavam acumulados e eles tinham de parar para limpar, para voltar a fazer a purificação da água. Aí eu inventei essa música.

**Entrevista** – O senhor tem uma afinidade muito grande com a publicidade. Isso sempre foi uma coisa espontânea?

**Irapuan** – Eu sempre gostei porque estava aliada ao meu ramo. Se eu animo um programa, para mim é melhor angariar o anúncio e fazer a publicidade do que dar para outros.

**Entrevista** – Você tinha contato com patrocinador? Arranjou muito patrocinador por causa da sua popularidade?

**Irapuan** – Eu acho que eu fui o único cara em Fortaleza que tirava anúncio por telefone. Eu trazia um artista, e ligava para o cara (anunciante): “Eu posso contar com a sua cota de ‘x’?” (Ele dizia): “Pode”.

**Entrevista** – Mas por causa da sua popularidade?

**Irapuan** – Não. Por causa do meu nome. O sujeito sabia que eu ia fazer direitinho, ia me esforçar na propaganda dele.

**Entrevista** – O senhor cantava em todos os programas. O senhor gostava de cantar boleros...

**Irapuan** – (Irapuan lima canta): “Alma para conquistar-te, coração para querer-te”. É porque bolero sempre foi o meu fraco.

**Entrevista** – O público era quem pedia para o senhor cantar esses boleros?

**Irapuan** – Pedia. O público dizia: “Aquele música que a gente fica doidinho quando está em casa, quer brigar com a mulher...” “Já sei qual é.” Aí eu cantava.

**Entrevista** – Voltando para a Televisão. O senhor começou no Canal 2; saiu do Canal 2 porque foi convidado pela Televisão Verdes Mares?

**Irapuan** – Foi. Sai do (canal) 2 para o (canal) 10. Nesse tempo o canal 10 tinha liberdade de vender um horário. Com essa lei que a Globo colocou em evidência que quem comprasse no começo tinha de ir até o fim da programação, aí eu tive de voltar de novo para o canal 2. Do canal 2, eu fui para o canal 8.

**Entrevista** – Então, o senhor saiu do Canal 10, apesar do seu programa ter muita audiência. Por falta de espaço para a programação local?

**Irapuan** – Exato. O difícil aqui é o seguinte: as emissoras têm os seus donos, mas aqui é uma emissora que recebe a imagem; ela é dirigida pelo departamento central. A programação deles é sagrada.

**Entrevista** – Havia alguma mudança de programa de um canal para o outro?

**Irapuan** – Não. Havia a mudança do horário. No Canal 10, eu trabalhava até perto de 8 horas da noite. No Canal 2, era Sábado à tarde; depois passou para domingo. Quem foi o pioneiro em

---

“A turma inventava que aquele frango a gente dava no auditório e tomava na porta (...). A gente dava graças a Deus quando o cara levava o frango!”

---

programa, aqui de domingo, de auditório fui eu...

**Entrevista** – Qual era a Televisão que você se sentia mais à vontade?

**Irapuan** – Em todas, porque o público era um só. Os que iam para o auditório eram os mesmos; os que assistiam eram os mesmos.

**Entrevista** – A equipe que trabalhava com o senhor era a mesma: a banda, as irapuetes...?

**Irapuan** – A banda variava. Às vezes a gente botava uma seis meses, outra seis meses... As irapuetes, quando uma ia se casar - e elas se casavam bem ligeirinho - tinha de arranjar outra para colocar no lugar.

**Entrevista** – O senhor falou que cuidava de todas as etapas da realização do programa. Isso aconteceu durante todo esse período que você trabalhou em televisão?

**Irapuan** – Enquanto eu fui animador, quem mandava no programa era eu, quem inventava as seqüências era eu. Eu chegava improvisando - embora errando.

**Entrevista** – O senhor chegou a viajar com o seu programa em caravanas pelo interior do Estado. Como eram essas caravanas?

**Irapuan** – Nas caravanas, a gente levava o conjunto, as irapuetes, dois ou três artistas que tinham nome. A gente escolhia, na cidade que a gente marcava - Baturité, Quixadá, Aracati... - a mais Bela Sertaneja. Era um desfile das moças de maiô e de vestido.

**Entrevista** – Os programas eram ao vivo ou gravados?

**Irapuan** – Eu nunca fiz ‘teipado’ (ele quer dizer programa em videotape), sempre fiz ao vivo. É outro problema muito sério. Fazendo programa ao vivo, a gente sente mais vontade de ficar bom, de se animar. A fita já é um círculo vicioso. O animador falhou, ele diz: “Pára a fita aí e volta”.

**Entrevista** – Todos os calouros do programa recebiam um frango pela participação. É verdade que faltava frango para distribuir?

**Irapuan** – Não. Nunca faltou. Ao contrário, a turma inventava que aquele frango a gente dava no auditório e tomava na porta. (risos) A gente dava graças a Deus quando o cara levava o frango. O povo inventa muita coisa!

**Entrevista** – Mesmo apesar do sucesso, o programa deixou de ir ao ar por falta de horário. Você aceitaria ter um programa de auditório hoje se recebesse um convite?

**Irapuan** – Agora, já seria mais difícil porque eu já estou um pouquinho acomodado. Eu dei uma parcela muito grande. Comecei em 49. Completo agora 50 anos de rádio e televisão.

**Entrevista** – A sua imagem, além da televisão e do rádio, está muito associada aos carnavais das décadas de 50 e 60, quando o senhor foi Rei Momo (1959, 1960, 1961). O senhor encerrou o último reinado por causa de um tiroteio durante o carnaval. Como foi esse episódio?

**Irapuan** – O melhor carnaval daqui era na segunda-feira, no Country Clube. Nesse dia, paravam todos os clubes e só ele funcionava. Eu era quem dava o percurso do motorista na visita de clubes. Uma princesa chegou atrasada no dia anterior a essa festa. Na Segunda-feira, ela só falava no Country Clube. Eu disse: “É agora que ela vai sofrer comigo porque chegou atrasada ontem”. Aí o motorista: “Seu Irápuan, para onde é hoje?” “Santa Cruz” - Santa Cruz era um clube lá perto do cemitério (São João Batista). Aí eu disse: “Agora, vamos para o

Irapuan Lima revelou sua paixão por roupas pretas. Roupas dessa cor fazem-no parecer mais magro no vídeo. No dia da entrevista, ele vestia preto.

Ícaro Clube - o clube da Base Aérea, no Joaquim Távora". (O motorista dizia): "E agora?" Eu dizia: "Marajaíque"... Quando a gente chegou no Country, já tinham parado duas vezes a festa porque lá o pessoal 'metia' muito álcool e muito menor (de idade). A diretoria do Clube chegou para o Juizado de Menor e disse: "O senhor tire os menores que achar que tem aqui; que não tem problema". Dizem, os filhos de Candinha (fofoqueiros), que negaram os três convites para o Juiz de Menor. Então, eles pararam a orquestra. Reiniciou. Pararam a segunda vez de novo. Os diretores disseram: "Daqui para a frente, o senhor desculpe, mas não dá mais para parar, não". Quando eu cheguei, estava na terceira parada. (Então, eu perguntei): "O que é que há?" "Seu Rei, o negócio aqui está feio! Estão tirando os menores?" Eu fiquei na minha. Fiquei no centro (do salão) onde dançavam os foliões mais animados, e os militares ficaram no palco com as metralhadoras na mão. Um cara rebolou um copo. Aqui no Ceará, quando um faz uma coisa, todos os outros acompanham. Desse copo, passaram para 200, 300 copos, rebolados. Os militares deram uma rajada de metralhadora no clube, assim por alto. Quando todo mundo se deitou, eles deram uma de 'meiota'. O pobre do Rei foi pular o muro. Quando eu estava subindo, chegou uma senhora: "Seu rei, onde é a porta desse clube?" "Minha senhora, se tivesse porta, o rei não subia esse muro tão alto!" Quando eu olhei, tinham três lambretas. Eu disse: "Vixe, Maria!" Eu dei um salto triplo. Rebolei o bastão no mato, botei a coroa de baixo da fantasia. Tinha uma rádio pataulha - aquelas camionetas bem grandes. Aí o sargento: "Seu Rei, o que que há?" "É bala como o diabo! Eu quero que o senhor me deixe em casa". Quando eu entrei no carro, foi que eu raciocinei que o negócio era com apolícia-eu, numa rádio patrulha, ia levar bala também. (Eu disse): "Sargento, pare aqui, nesse quarteirão que mora a minha tia. Vou descer aqui para tomar um uísque que eu não estou agüentando". Que nada! Eu queria era ficar livre dele! Cheguei em casa com cinco minutos.

**Entrevista** - O senhor ainda é folião hoje? O episódio do tiroteio, em 61, fez com que o senhor se afastasse mais?

**Irapuan** - Eu não saí no último dia de carnaval, que era terça-feira. Mandei colocar uma faixa preta no carro alegórico, e, ali, eu encerrei.

**Entrevista** - O senhor sempre gostou muito de viajar para o exterior. Como foi o episódio ocorrido em 1966, em Lisboa quando um jornal de Fortaleza deu a seguinte manchete: 'Irapuan Lima viu o fim do mundo em um tremor em Lisboa'. O senhor se lembra?

**Irapuan** - Me lembro. Deu seis pontos e pouco naquela escala de terremoto (escala Rischter). Em Tóquio, eu também tive um tremor de terra grande. Eu fiquei emocionado. Trouxe o recorte do jornal e dei para o Jornal O Povo. Ele estampou a mesma matéria que tinha sido feita em Lisboa.

**Entrevista** - O senhor viajava sempre com a sua esposa e já vai fazer cinquenta anos de casado...

**Irapuan** - Eu só viajou com ela. Nós vamos comemorar (50 anos de casamento) no caminho das Ilhas Gregas. Vamos para Portugal (onde vai ter) a maior feira do século (Expo Lisboa 98); e lá, agente vai à Fátima pagar promessa. Nós vamos lá todos os anos.

**"Eu tinha uma loucura para agradar essas crianças pobres. Eu sentia 'Meu Deus, eu tenho que fazer alguma coisa por essas crianças'".**

**Entrevista** - Qual a importância da sua esposa na sua carreira?

**Irapuan** - Me incentivou muito. A grande virtude é ela ser justamente o inverso à minha pessoa. Enquanto eu sou brincalhão e alegre, ela é 'trancada'. Se os dois fossem alegres, não tivesse dado certo.

**Entrevista** - O senhor a conheceu na época em que o senhor tinha muitas fãs...

**Irapuan** - Eu era o homem mais lindo da cidade. (risos)

**Entrevista** - Como ela convivia com isso?

**Irapuan** - Uma vez, ela saiu do teatro. Teve um festival e a cantora, Maria Aparizio - era uma das vozes mais bonitas que tinha no Brasil - foi para o Teatro José de Alencar. Ela achou boa a minha apresentação e se despediu dando um beijo em mim. Quando eu procurei a Dona Áustria (a esposa de Irapuan Lima), ela estava me esperando lá fora.

**Entrevista** - Ela tinha ciúmes do senhor?

**Irapuan** - É por isso que eu passei a ser beijoqueiro para não ter problema. Tinha o (cantor) Orlando Dias, que era um artista brincalhão, ele me pegava nos braços e me levava para o palco. Esses amigos mais íntimos, eu hospedava aqui (na casa de Irapuan Lima). Ele (Orlando Dias) disse no programa de Rádio: "Alô, Dona Áustria! É uma das senhoras mais elegantes dessa cidade..." Quando ele entrou aqui, eu disse: "Tu vai ver a bronca que tu vai levar..." Ele pensava que a Dona Áustria ia dizer muito obrigada. (A Dona Áustria disse): "Eu não gosto daquilo que você fez no Rádio".

**Entrevista** - O que significa fazer 50 anos de casamento?

**Irapuan** - Isso é uma vitória! Na minha profissão, é muito difícil o sujeito atingir 50 anos de casado - o Nelson Gonçalves, morreu agora (18 de abril de 1998, dois dias antes a entrevista), foi casado três vezes.

**Entrevista** - O senhor falou muito sobre a sua vida profissional. Mas como é o Irapuan Lima dono de casa, pai de família e esposo?

**Irapuan** - É a mesma coisa da rua. Mantenho o mesmo humor; brinco, a Dona Áustria me cutuca...

**Entrevista** - Falando dos seus hábitos, o senhor geralmente faz cooper na praia...

**Irapuan** - Todo dia. Querendo me ver é cinco horas da manhã. Dando grito de Tarzan, cantando...

**Entrevista** - Como foi que surgiu o apelido de Tarzan da Praia?

**Irapuan** - Eu assistia muito ao filme do Tarzan, e um dia, na praia, deu na cabeça que eu devia dar um grito de Tarzan para acordar os hóspedes. Eu começo ali do Praiano (Praia Hotel), no (clube) Náutico. Dei um grito de Tarzan, e (apareceram) várias cabeças na porta - aquilo eu achei bonito. Em compensação, só tinha um hotel bom aqui, quando eu comecei a andar ali, era o Beira Mar. Eu dei um grito de Tarzan, uma hóspede ligou para o gerente (do hotel) e disse: "Ninguém pode dormir nesse hotel". O gerente disse: "Minha senhora, não tem o Tarzan da floresta; esse é o da praia." A mulher disse: "A gente vai advertir o senhor, e o senhor ainda leva na brincadeira!" Ele explicou: "O lado de lá, não tem nada a ver com esse hotel. Daquele lado só anda jornalista, radialista, animador de televisão... ninguém vai se meter nesse negócio". Passaram uns dias, eu dei um gritão - era vinte para as cinco horas da manhã. Eu cheguei adiantado; com raiva, dei esse grito. Sabe o que o hóspede disse: "Olhe, se não fosse o Tarzan da Praia,



Para nossa surpresa, Dona Áustria gentilmente preparou uma mesa com doces, salgadinhos e refrigerantes que foram saboreados pela turma após a entrevista.

Quando acabou a entrevista Irupuan pegou as chaves do carro para ir ao médico. Mas parecia não ter vontade de nos deixar, e acabou sendo "expulso" por Dona Áustria.



Quando saímos da casa de Irapuan, parte do grupo foi "discutir" a entrevista num barzinho perto de lá. A "discussão" demorou algumas horas.

eu tinha perdido o avião porque eu pedi para vocês me acordarem às 4:15, e eu me acordei às 4:40 por causa do Tarzan da Praia". (risos)

**Entrevista** – *Esse grito do senhor é uma forma de chamar a atenção?*

**Irapuan** – É. Dá audiência. Uma vez, uma professora ligou para cá e disse: "Eu quero um bem danado ao Irapuan, mas, pelo amor de Deus, eu dou aulas até meia noite, e ele dá um grito de Tarzan cinco horas, quatro e meia..." Lá nesse local, eu deixei de dar o grito.

**Entrevista** – *O senhor conserva os mesmos amigos da época de rádio, TV?*

**Irapuan** – Não mudou nada. Comerciantes, todos eles eu conheço — os que não morreram, todos brincam comigo.

**Entrevista** – *O senhor é um homem de bem com a vida?*

**Irapuan** – Estou muito satisfeito com a vida. Deus me deu muitas alegrias e poucas tristezas.

**Entrevista** – *Ainda tem alguma coisa que o senhor gostaria de ter feito e não fez; e ainda quer fazer?*

**Irapuan** – Era justamente a parte de política. Eu tinha uma loucura

para agradar essas crianças pobres. Eu sentia "Meu Deus, eu tenho que fazer alguma coisa por essas crianças".

**Entrevista** – *Além do cooper e das viagens ao exterior, o que mais o senhor gosta de fazer?*

**Irapuan** – Me achar novo. Eu tenho setenta anos, mas não vão espalhar muito.

**Entrevista** – *O senhor é uma pessoa muito emotiva?*

**Irapuan** – Choro quando assisto novela que tem um capítulo emocionante. Sou emotivo, excessivamente emotivo. Se eu vou a um casamento, a qualquer lugar que eu vejo uma coisa que eu fico assim... Um padre falando, eu choro. Qualquer um de vocês me achando feio, eu começo a chorar. (risos)

**Entrevista** – *Por que o senhor gosta tanto de usar roupas pretas?*

**Irapuan** – Se fosse uma pessoa que eu não conhecesse, eu ia dizer o seguinte: "Desde o tempo em que eu usei preto, nunca faltou dinheiro, nem namorada". Mas, aqui a gente tem de dizer a realidade, eu uso preto porque teve uma fase que eu engordei demais. Eu só me sentia mais magro, com

preto. Eu adorei calça preta, mas eu mudo; outro dia, eu estava de azul, mas raramente eu mudo.

**Entrevista** – *O senhor foi uma pessoa muito namoradeira?*

**Irapuan** – Namorado? Namorar, eu namorei. Não vou dizer que não namorei.

**Entrevista** – *E para finalizar, o que o senhor gostaria de transmitir para a gente, como jovens, como profissionais, futuros comunicadores?*

**Irapuan** – O que eu transmito para vocês é o seguinte: "Vocês continuem com essa chama acesa de pesquisar, porque vocês vão ter a felicidade, muito em breve, de ter programas diferentes. Muitos aqui poderão caminhar para um programa de televisão, ser produtor. Tudo pode se modificar daqui para frente. É isso que eu tenho pena, de talvez não conseguir ver e ouvir."

**Entrevista** – *O Irapuan Lima, como profissional, já rendeu o que tinha que render e pode descansar agora?*

**Irapuan** – Não é de botar no lixo. Ainda dá para fazer alguma coisa em televisão. (risos)